

**DIRETORIA DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE**

**Presidente**

Dr. Sérgio Lewkowicz

**Diretora Administrativa**

Dra. Alda Regina Dorneles de Oliveira

**Diretora Científica**

Dra. Anette Blaya Luz

**Diretora Financeira**

Psic. Eleonora Abbud Spinelli

**Diretor do Instituto**

Dr. Ruggero Levy

**Diretor de Publicações**

Dr. José Carlos Calich

**Diretora de Divulgação e Relação com a Comunidade**

Psic. Luciane Falcão

**Diretora da Área da Infância e Adolescência**

Dra. Maria Lucrecia S. Zavaschi

**DIRETORIA DE PUBLICAÇÕES**

Dr. José Carlos Calich – **Diretor**

Dra. Carmem Emilia Keidann

Dr. César Luís de Souza Brito

Psic. Heloisa Cunha Tonetto

Dr. Rui de Mesquita Annes

Dr. Zelig Libermann



G881f Grotstein, James S.  
Um facho de intensa escuridão : o legado de Wilfred Bion à  
psicanálise / James S. Grotstein ; tradução: Maria Cristina Monteiro.  
- Porto Alegre : Artmed, 2010.  
368 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-363-2188-2

1. Psicanálise. 2. Bion, Wilfred. I. Título.

CDU 159.964.2

Catálogo na publicação: Renata de Souza Borges CRB-10/1922

# Um facho de intensa escuridão

O legado de Wilfred Bion  
à psicanálise

0,45

**James S. Grotstein**

Professor de Psiquiatria na David Geffen School of Medicine, UCLA.  
Analista didata e supervisor no New Center for Psychoanalysis e  
no Psychoanalytic Center of California, Los Angeles.

**Tradução:**

Maria Cristina Monteiro

**Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição:**

Patrícia Fabrício Lago

Psiquiatra pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



2010

## L, H e K e paixão

Bion (1962a, 1963, 1965, 1970) usava L, H e K como notações e elementos abstratos para designar vínculos emocionais entre *self* e objetos e entre os próprios objetos. Eles também constituem elementos psicanalíticos. Os termos dos quais eles são abstraídos eram formalmente considerados pulsões. Embora ainda mantendo a integridade das pulsões, Bion tomou a liberdade de selecionar seus componentes estritamente emocionais e suas capacidades de ligação ou união. De forma mais elementar, eles poderiam ser considerados inseparáveis e mutuamente intercambiáveis. Por exemplo, x K y porque ele tem consciência de que ele L y, mas também H y. Em outras palavras, nós emocionalmente *conhecemos* alguém por nossa consciência de nosso *amor e/ou ódio* por ele(a):

[Os] sinais podem estar relacionados ao fato de uma maneira que os salva de se tornarem símbolos sem sentido, e podem ao mesmo tempo ser suficientemente abstratos para assegurar que eles sejam geralmente, e não meramente, acidentalmente aplicáveis a situações emocionais reais... O analista deve permitir-se apreciar a complexidade da experiência emocional que ele necessita esclarecer e, contudo, restringir sua escolha a esses três vínculos. Ele decide quais são os objetos vinculados e qual desses três representa com mais precisão os vínculos reais entre eles. [1962b, p. 44]

Recapitular um episódio emocional como K é produzir um registro imperfeito, mas um bom ponto de partida para a meditação especulativa do analista... [Ele] possui os rudimentos dos fundamentos de um sistema de notação – registro do fato e ferramenta de trabalho. [p. 44]

Aqui Bion está justificando e racionalizando o uso de um número limitado de ícones abstratos, não saturados como modelos. Cada um deles e todos eles juntos podem de modo coletivo expandir-se sincreticamente para incluir uma vasta série de qualidades e quantidades de emoção. Este é um aspecto da ambição de Bion de conferir precisão matemática à teoria e prática psicanalíticas. A meta final é encontrar um sistema de *notação* emocional. Posteriormente, na mesma seção, Bion salienta que os sistemas de notação L,

H e K devem ser usados exclusivamente para seres vivos. Eles não se aplicam a seres não vivos – apenas a “ciência” o faz.

Bion (1963) associa L, H e K com “paixão”.

Por “paixão”, ou a falta dela, refiro-me ao componente derivado de L, H e K. Uso o termo para representar uma emoção experimentada com intensidade e ardor, embora sem qualquer sugestão de violência... A consciência da paixão não depende dos sentidos. Para os sentidos estarem ativos apenas uma mente é necessária: *paixão é evidência de que duas mentes estão ligadas*, e que possivelmente não pode haver menos de duas mentes se a paixão estiver presente. *A paixão deve ser claramente diferenciada de contratransferência*, esta sendo evidência de repressão. [1963, p. 12-13; itálico acrescentado]

L, H e K são os componentes da paixão. A paixão deve ser compartilhada a fim de qualificar-se como paixão. Paixão transmite a emoção de sofrimento, bem como de ardor. Ela é o *sine qua non* da capacidade do analista de conter. A descrição de Bion dela assemelha-se à Paixão de Cristo. Para mim, ela também se assemelha ao ato místico do *exorcismo*, a transfer(ência) de dor emocional de uma pessoa para outra (Grotstein, 2000a, 2005; no prelo-a; Meltzer, 1978). Acredito que L, H e K funcionam inseparavelmente, mas, em determinado momento, um deles pode tornar-se proeminente, enquanto os outros parecem recuar. Fundamentalmente, podemos apenas K um objeto sabendo como nos sentimos (L ↔ H) em relação a ele. Bion frequentemente afirmava que não podemos amar sem odiar, e não podemos odiar sem amar. K é mais frequentemente mencionado por estudiosos de Bion e outros, mas é minha opinião que não pode haver K sem L e H, apenas tentativas de simular a ausência deles. O verdadeiro K é sempre transitório (em fluxo) e incompleto – sempre anunciando suas contrapartes desconhecidas no futuro. À medida que o analisando acomoda-se a K, a ansiedade catastrófica é produzida, enquanto a contraparte futura de K, O, o atrai. Se a interpretação de K for tomada como um fato, por outro lado, K torna-se transformado em –K (falsidade).

### MENOS L, H E K (–L, –H E –K)

Em *Elements of Psycho-Analysis (Elementos da Psico-Análise)*, Bion discute K e –K:

O conflito entre a visão do paciente [psicótico–JSG] e a visão do analista, e do paciente com ele mesmo, não é, portanto, um conflito, como o vemos nas neuroses, entre um conjunto de ideias e outro, ou um conjunto de impulsos ou outro, mas entre K e menos K (–K)... [1963, p. 51]

Bion continua sugerindo que a atividade de -K por parte do paciente pode explicar os discursos analíticos que são previsíveis a fim de prevenir exploração espontânea mais profunda. O papel de -K talvez se deva à necessidade de uma fé negativa para substituir aquela que nunca apareceu com força suficiente ou faltou devido à perda da inocência (devido aos supostos resultados da continência negativa) e da fé original que era necessária para uni-lo em um pacto. Colocado de outra forma, -K pode ser concebido como a operação mal-adaptativa do instinto de morte, que busca aniquilar o crescimento que é sentido como progressivamente insuportável, e também o aspecto da Mentira da Coluna 2 da Grade. Aqui estou me referindo à desmoralização que advém de uma falha em desenvolver uma presença de segundo plano de identificação primária (Grotstein, 1981a, 2000a) como a experiência inicializadora de continência, de outro modo conhecida como sendo *abençoada*. Uma cobrança a esta entidade pressupõe que o bebê tinha prematuramente mergulhado no Real (O) antes de ser batizado pela proteção abençoada do pacto entre imaginação parental e concepção. Portanto, ele agora é o infeliz, predisposto, acredito, a uma "orfandade" cataclísmica do Real (O), na qual ele se sente impelido a jurar uma nova fidelidade ao sombrio (e único) salvador, -K. Bion descreve este fenômeno como a persistência pós-natal da existência fetal, na qual o feto torna-se prematuramente consciente da dor e então bloqueia, e desse modo perde alguns aspectos de seu futuro desenvolvimento e amadurecimento. -K designa "mentira" "em primeiro grau" (deliberada e dissimulada). Ela deve ser diferenciada de "falsificação", que, de acordo com Bion, caracteriza todas as formas de pensar e sonhar (ver de Bianchedi et al., 2000).

Em *Transformations (Transformações)* Bion define as limitações de L, H e K:

[Minha] razão para dizer que O é incognoscível não é que eu considere a capacidade humana desigual para a tarefa, mas porque K, L ou H são inadequados para O. Eles são semelhantes a transformações de O, mas não são O. [1965, p. 140]

Sobre o medo do paciente de sofrer uma transformação de K para O, Bion diz:

Interpretações são parte de K. A ansiedade temendo que a transformação em K leve a transformação em O é responsável pela forma de resistência na qual as interpretações parecem ser aceitas, mas, na verdade, a aceitação é com a intenção de "conhecer" em vez de "transformar-se". [1965, p. 160]

Penso que Bion esteja discutindo a diferença entre intelectualizar e experimentar interpretações.

Embora -K denote falsificação de vínculos com objetos, -L pode implicar, entre outros sentimentos, amor falso, arrogante, narcisista, e -H, indiferença, mais do que ódio.